

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE LICENCIATURA
EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS NO CONTEXTO DE UMA
ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL: RELATOS DE EXPERIÊN-
CIAS DE UMA FORMAÇÃO EM SERVIÇO**

Aline Peixoto Vilaça Dias (UENF)

alinepeixoto12@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

Iago Pereira dos Santos (UENF)

iagoreisd@gmail.com

RESUMO

O estágio supervisionado é essencial para a formação inicial de qualquer futuro professor, pois ele permite que o mesmo possa vivenciar como é o ambiente escolar. Sendo assim, o presente trabalho aborda relatos das experiências adquiridas com discentes e docentes dos anos finais de uma escola municipal do ensino fundamental, em São Fidélis-RJ. Para tanto, o estudo foi feito por meio de observações, prática, no período compreendido entre o segundo semestre de 2016 e o primeiro semestre de 2018, bem como revisão bibliográfica ancorados em autores que discutem a questão do estágio na formação docente, tais como Pimenta e Lima (2009) e Milanese (2012). Como resultados, podemos depreender que esse contato com o futuro ambiente profissional permite ao estagiário vivenciar na prática como é a realidade escolar, possibilitando que ele veja que a escola pública, em sua grande maioria, não fornece recursos apropriados para uma aula prática, porém, por outro lado, faz com que o mesmo comece a criar táticas que favoreçam a aprendizagem do aluno mesmo com a escassez de recursos. Em síntese, são nessas situações que o futuro profissional começa a entender-se como professor, pois o contato com a sala de aula leva o graduando a refletir sobre sua prática. Por fim, estar em contato direto com a sala de aula é preciso, pois como em qualquer outra profissão, apenas saber o conteúdo teórico exposto ao longo curso não é o suficiente para ser um profissional de qualidade. Assim, tão importante como saber os conteúdos relacionados a área que se pretende atuar é saber como aplicá-lo.

Palavras-chave:

Prática Pedagógica. Ensino de Ciências. Formação de professores.

1. Introdução

O presente relato de experiência é fruto do estágio supervisionado ocorrido em uma escola municipal do município de São Fidélis-RJ. O público de atuação da licencianda foi alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental. O estágio desenvolveu-se entre o segundo semestre de 2016 até o primeiro semestre de 2018.

A metodologia usada neste trabalho está fundamentada em relatos de experiências, adquiridas ao longo do estágio supervisionado do curso de ciências Biológicas além de pesquisas bibliográficas, respaldadas em autores como Pimenta e Lima (2009) e Milanesi (2012), entre outros.

Cada etapa do estágio apresentou características distintas, iniciando-se por atividades de observação da estrutura física e organizacional da escola e, por final, a discente já apresentava autonomia de assumir a classe e aplicar projetos, aulas teóricas e práticas. Ao longo desse período, a graduanda deparou-se com obstáculos como falta de laboratórios de ciências e sala multimídia, porém esses problemas não foram impedimentos para a aplicação das atividades. Para não deixar a aprendizagem dos alunos prejudicada, foi possível buscar alternativas como aplicação de aulas na própria sala de aula e fazer o uso das tecnologias digitais para aplicação de vídeos, que complementavam os conteúdos passados para os alunos.

2. O estágio supervisionado na formação inicial de professores

O estágio supervisionado é regido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (9.394/96), na qual em seu TÍTULO VI estabelece normas para os profissionais da educação exercerem a sua profissão. Nesse contexto, é visto em um dos artigos a relação entre teoria e prática, se dá meio de estágios. A LDB ainda cita a lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 que descreve as peculiaridades do estágio para as diversas modalidades de educação (BRASIL, 1996).

Além disso, a resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, referente às Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior, refere-se ao estágio curricular como constituinte obrigatório da matriz curricular das licenciaturas. Essa mesma resolução impõe a carga horária mínima de 3.200 horas para os cursos destinados a formação inicial de professores, para a educação básica, em nível superior, apontando a carga horária mínima de 400 horas de práticas docentes, as quais são referentes ao estágio supervisionado (BRASIL, 2015).

Gisi *et al.* (2009, p. 208) tratam o estágio como o momento de oportunidade em que o graduando tem de está em contato direto com a realidade, com cotidiano da educação básica, possibilitando a “confrontação do saber acadêmico com o saber da escola”, possibilitando ao estagiário (re)conhecer como acontece o trabalho escolar.

O estudo de Santos *et al.* (2012) nos acrescenta que o estágio é o momento de adentrar em uma realidade, no caso, em estabelecimentos de educação básica, proporcionando o enfrentamento dos conhecimentos acadêmicos com os conhecimentos escolares, propiciando aos graduandos compreender o que se passa no ambiente de trabalho.

Milanesi (2012, p. 225) ressalta que o estágio é um momento importante para formação dos futuros educadores. O autor acrescenta que seguir em direção a uma formação de profissionais qualificados necessita “da significação que formadores e formandos dão às suas ações, inclusive na realização do estágio”.

No trabalho de Pimenta e Lima (2009) encontramos uma consideração a respeito do estágio supervisionado pautado nos estudos de Pimenta e Gonçalves (1990) que nos diz que o objetivo do estágio é conceder ao estudante aproximação com o futuro ambiente de trabalho. Também podemos observar no trabalho de Lüdke (2013) que o estágio está situado no meio de duas problemáticas da formação docente, uma relacionada a teoria e outra relacionada com a prática.

No interior das afirmações comuns, está à comprovação de que na formação de professores e o curso não estão baseados na teoria de sua atuação como futuro profissional, e também não se baseia na prática como referencial para os fundamentos teóricos (PIMENTA; LIMA, 2009).

Sendo assim, Guedes (2009) relata que o estágio é o momento que possibilita colocar em prática os conteúdos e conhecimentos necessários para ser um professor. É o local de produzir conhecimento. Desse modo, é um ato que tem que ser proposital e fundamentado, pois só desse modo é viável juntar a teoria e a prática.

Sobre a transformação do graduando em professor, Pimenta e Lima (2009) relatam a respeito da carreira profissional dos docentes que é preciso advertir a direção do trabalho humano, resultante, a influência que as profissões exercem sobre os homens.

No trabalho de Pimenta e Lima (2009, p. 65), encontramos uma referência do trabalho de Codo (1992), que remete a esse assunto da seguinte forma: “a vida dos homens, sem dúvida, não se reduz ao trabalho, mas também não pode ser compreendida na sua ausência”.

O estudo da obra de Pimenta e Lima (2009) nos permitiu uma análise a respeito do período de estágio, deixando evidente que é nesse momento que os discentes preparam-se para a profissão de professor ou

para ratificá-la. Profissão, que se encontra contraditória no discurso de valorização profissional e do regimento educacional, que regulam transformações sem considerar a relação de trabalho dos educadores. Dessa forma, mesmo que confiando em sua profissão escolhida, o estagiário depara-se no cenário escolar com episódios que o desmotivam, cansaço e desapontamento profissional, muitas vezes apossados de adversidades sociais, as quais as resoluções do problema está distante de sua atuação profissional. Aprender a ser professor ao longo do estágio supõe ter atenção quanto às peculiaridades e as ligações entre o cotidiano escolar e seu contexto com a sociedade.

Segundo Passerini (2007), a formação do docente é constante, começando antes da graduação, nas relações com profissionais que contribuíram na sua educação. É um processo resultante de interferências históricas, políticas, culturais, permitindo novos jeitos de refletir e variados modos de proceder diante da realidade que o educador está situado.

Petrovich *et al.* (2014) acrescentam que relacionado ao intrincado processo de formação inicial de educadores, diversas razões podem influenciá-lo. Nessa vertente, um dos objetivos básicos, ao longo da formação inicial, é prover meios que instruem os profissionais em formação a possuir criticidade, no intuito de saberem enfrentar as diferentes adversidades que surge ao longo da sua carreira docente, além disso, conhecerem a incumbência da educação na sociedade.

Lüdke (2013) é unânime ao reconhecer a necessidade de melhorar o preparo do professor na busca de oferta de um ensino apropriado aos alunos nas instituições de educação básica. Diversos procedimentos têm sido construídos no intuito de suprir essa conveniência. Mesmo que algumas ações tiveram êxitos, de formas isoladas, de modo geral a situação ainda encontra-se sem muitos avanços, principalmente quando comparada a educação no exterior, onde a qualidade encontra-se melhor que no Brasil.

Tacca e Branco (2008, p. 39) reportam que as pesquisas, quando retratam o fracasso escolar, baseiam em, geralmente, em escolas públicas. Isso expõe-se “pelo compromisso político dos pesquisadores com a clientela”, diferenciado da escola particular, a escola pública contempla, na maioria alunos de classes baixa. A imposição de educação de excelência para todos necessita de levantamento de fatores e de condições que envolvem no fracasso escolar da educação pública, que ainda é perseverante. Lüdke (2013) relata:

Olhar de perto para o trabalho realizado pelo professor pode orientar para uma decisiva complementação na formação do estudante dos cursos de licenciatura, onde é proposta sua efetivação não apenas, mas de modo especial por meio do estágio supervisionado. (LÜDKE, 2013, p. 123)

Dessa maneira, é de fundamental importância que o graduando esteja em contato com o cotidiano escolar, pois é nesse momento que ele começa a aprender os saberes da experiência, que conforme Bondía (2002, p. 168) acontece na interação entre “o conhecimento e a vida humana” e de sua profissão.

3. O ensino de ciência na educação básica

O parecer CNE/CES nº 1.301/2001, que aprova as diretrizes nacionais do curso de graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura), dispõe sobre o estudo de Ciências Biológicas. Nesse documento, encontra-se que o estudo dessa disciplina deve levar compreensão sobre a organização da vida ao longo dos anos, análises de processos evolutivos, resultando em uma variedade de formas de vida que ainda continuam sofrendo os eventos evolutivos. Esse seres vivos, assim como o ser humano, não estão separados, eles estão interligados e apresentam relações de interdependência. Observa-se que o parecer expõe que os conhecimentos da disciplina Ciências Biológicas não estão isolados da sociedade, pelo contrário, eles estão interligados com a sociedade, com questões políticas, sociais, econômicas e culturais.

Embasados no projeto pedagógico do curso Ciências Biológicas (modalidade licenciatura), curso do qual a graduanda faz parte, encontra-se o objetivo do curso que é a formação de professores de Ciências para o ensino fundamental e de Biologia para o ensino médio (BRASIL, 2001).

Sobre a prática escolar Castro e Goldschmidt (2016) apontam que nas escolas de ensino fundamental e médio os professores atualmente ainda fazem muito o uso do método tradicional. Como afirma Luckesi (1999, p. 56) essa metodologia é centrada na “exposição verbal da matéria e/ou demonstração”, onde as aulas são expositivas, o aluno atua como sujeito passivo no processo ensino aprendizagem. Freire (1987) refere-se a essa situação usando o termo educação “bancária”, nesse contexto, essa prática comum dos professores é referente a aulas expositivas, onde se busca a aplicação de grande quantidade de conteúdos, onde muitas das vezes estão fora do cotidiano do discente. Nessa concepção, destaca-se o

fato do aluno está apenas entrando em contato com um assunto novo, porém não assimila o que lhe é ensinado. Castro e Goldschmidt (2016) reconhecem que atualmente o ensino de Biologia é desafiador tanto para quem educada quanto para quem aprende. Existe um descontentamento da parte dos educandos por considerarem a Biologia uma disciplina difícil, já que demanda dos mesmos memorização dos conhecimentos teóricos expostos nas aulas. Os autores acrescentam que o professor deve criar alternativas para modificar a dinâmica na classe, possibilitar a relação e participação do discente, ele deve desenvolver táticas, alternativas que permitam uma linguagem simples na sala de aula, buscando tornar a aula simplificada e coesa. Para isso uma das propostas pelos autores são as aulas práticas. Através das aulas práticas é possível tornar os conteúdos abstratos, contidos no livro, em concretos. Além disso, torna a aula mais prazerosa e menos maçante para os alunos.

Acreditamos assim como Bartzik e Zander (2016, p. 37) que a atividade prática é importante nas aulas de Ciências e Biologia, porque auxilia no aprendizado dos conceitos. Essas atividades permitem circunstâncias em que o educando proceda não só de forma “mecânica”, mas sim de forma ativa, construindo seu aprendizado, relacionando-se com seu questionamento e adquirindo conhecimento, adquirindo “lições” do assunto estudado e formulando conclusões, “tornando-se agente do seu aprendizado”.

Reginaldo *et al.* (2012), destacam alguns fatores que impossibilitam a aplicação de aulas práticas como: a falta de estruturas, recursos materiais e financeiros, hora aula inadequadas. Diversos educadores não usam recursos diversificados, possivelmente por “medo do novo” ou por parâmetros estipulados pela escola que não permitem ao docente fazer uso dos recursos (NICOLA; PANIZ, 2016).

Castro e Goldschmidt (2016) chamam a atenção para a importância das aulas práticas, considerando-as como estratégia fundamental para um aprendizado significativo, tendo reconhecimento de acadêmicos e pesquisadores, ela atua como uma “facilitadora” da aprendizagem e apresenta um aspecto motivador nos estudantes. Nicola e Paniz (2016) evidenciam que por ser um recurso acessível, inúmeras vezes, o livro torna-se o único material usado pelo professor na sala de aula, não sendo acrescentado outros meios que seriam capazes de auxiliar o aluno a compreender o conteúdo. Sobre a relação estágio e aula prática Castro e Goldschmidt (2016, p. 131) afirmam o estagiário necessita “cada vez mais aliar o conceito de atividades práticas para atingir o que se busca”. Os

autores reconhecem que o as aulas práticas não são a saída para os problemas presentes nas aulas de Biologia, porém são um instrumento eficaz, já que seu uso desperta nos educando a motivação o que resultam em um aprendizado significativo.

4. Metodologia e etapas desenvolvidas na escola

A instituição escolar onde ocorreu o estágio está situada em bairro periférico (afastado do centro) atende a alunos de vários bairros da cidade, inclusive, do centro e também alunos que moram no interior (zona rural) do município de São Fidélis. Para que esses alunos cheguem até a instituição, a prefeitura disponibiliza transporte. No turno da manhã, são atendidos alunos da educação infantil e alunos dos anos finais do ensino fundamental, no turno da tarde são atendidos alunos da educação infantil e alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. No turno da noite, a escola possui turmas do 6º ano ao 9º ano atendendo com aulas direcionadas a Educação de Jovens e Adultos.

Neste trabalho, foi analisado o desenvolvimento e aprendizado da estagiária entre o segundo semestre de 2016 até primeiro semestre de 2018. Também foi feita revisão bibliográfica ancorados sobre autores como Pimenta e Lima (2009), Milanesi (2012), Castro e Goldschmidt (2016), entre outros que abordavam a prática da profissão professor, a transformação do graduando em docente, as dificuldades encontradas ao longo desse percurso como falta de materiais adequados. Realizou-se análises sobre a atuação do graduando na escola pública municipal durante os estágios supervisionados obrigatório (I, II, III e IV) do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Norte Fluminense- UENF. O estágio foi composto de uma parte de atividades realizadas na escola e outra parte de atividade com o professor responsável pela disciplina.

O estágio I consistiu apenas na observação da estrutura física e organizacional da escola. Nesse período foi possível conhecer toda a gestão escolar, a quantidade docente, sua formação profissional, o cotidiano dos alunos, desde horário de chegada, intervalo, alimentação e saída. Foi possível verificar como é estruturado o projeto político pedagógico e qual sua relação com a comunidade escolar. Também teve momentos de encontros com o professor responsável pela disciplina estágio supervisionado, onde foi discutido o que foi observado na escola, foi orientado como os estagiários deveriam proceder nessas visitas.

A partir do estágio II foi possível adentrar na sala de aula, conhecer a parte “prática” da profissão docente. Nesse momento foi notório que o estágio supervisionado não deve ser visto como apenas mais uma disciplina entre tantas outras presentes na grade curricular do curso de licenciatura. Nesta etapa tivemos como alicerce a afirmação de Pimenta e Lima (2009) a respeito da profissão docente, que afirma que ser professor é uma profissão capaz de interferir na prática social, através da educação. A partir dessa alegação observamos que ser professor está além de possuir um diploma e saber conteúdos. A profissão docente não ensina apenas conceitos teóricos, mas também contribui para a formação de cidadãos conscientes e capazes de serem seres ativos e reflexivos na sociedade. Nesse estágio, foi possível elaborar e aplicar aulas nas turmas, sendo que nesse momento aconteceu a separação entre turma base e turma diferenciada, onde na primeira, (turma de 6º ano ensino fundamental) acontecia a aplicação e correção de atividades e auxílio ao professor regente, enquanto na segunda foi apenas observação, durante essa última atividade foi possível analisar séries diferentes: 7º ano e 8º ano do ensino fundamental. Nessa etapa foi possível analisar a prática, metodologias dos professores diferentes. As aulas práticas e teóricas eram direcionadas para a turma base. Antes da aplicação conversava-se com o professor responsável pela turma para saber o que ele queria que fosse aplicado para complementar seu trabalho, a partir disso as ações do estágio eram desenvolvidas.

Durante a elaboração e desenvolvimento das atividades, buscou-se relacioná-las com o cotidiano dos alunos, usando como ponto de partida realidade em que os mesmo estavam inseridos. Nos encontros com o professor responsável pela disciplina de estágio, foram apresentadas as aulas ministradas na escola, os materiais didáticos e por último uma aula foi apresentada a esse profissional e o mesmo avaliou o estagiário.

O estágio III e IV foi direcionado apenas para uma turma. Sendo que devido imprevistos e falta de documentação que deveria ser emitida pela universidade as atividades do estágio IV só puderam ser apresentadas para o professor responsável pela disciplina. As atividades do estágio III foram voltadas para uma turma do 6º ano do ensino fundamental. Ao longo desse período foram aplicadas aulas teóricas que complementavam o trabalho do docente responsável pela turma. Como proposta da disciplina, para complementar as aulas, desenvolveu-se materiais didático em forma de jogos, relacionando com os assuntos abordados e aula prática, sendo essa última organizada de forma que pudessem ser aplica-

das dentro da sala de aula, visto que a escola não possuía laboratório de Biologia. Também foi possível auxiliar o professor na aplicação de avaliações e na correção de exercícios propostos.

Para o estágio IV, desenvolveram-se aulas práticas e teóricas, projetos que seriam aplicados para a turma do 7º ano do ensino fundamental, porém para que o estagiário entrasse na instituição era preciso que uma documentação fosse emitida pela universidade, mas essa documentação não foi emitida. Ficando a graduanda restrita a apresentar suas atividades apenas para o professor responsável pela disciplina de estágio.

O planejamento das aulas aplicadas ao longo dos estágios ocorria em casa, nesse momento a graduanda buscava metodologias que levassem o aluno a ter uma aprendizagem significativa, já que algumas aulas dos alunos foram aplicadas pela estagiária. Durante o contato com a sala de aula, foram notórios alguns obstáculos como falta de um laboratório de ciências para ministrar aulas práticas, ausência de uma sala multimídia para aplicação de vídeos. Porém, essas dificuldades não impediram que as atividades fossem aplicadas. Para suprir a falta de um laboratório e vidrarias, as aulas foram aplicadas dentro da sala de aula usando potes e copos descartáveis. Para aplicar vídeos, que eram parte de algumas aulas, fez-se o uso de *notebook*.

5. Conclusões

O estágio supervisionado é uma ferramenta eficaz para o aluno de graduação; é um aliado da sua formação, já que como em qualquer outra profissão, apenas conhecer a teoria não é satisfatório para ser um profissional de qualidade. É nesse período que o graduando se reconhece como professor e depara-se com a realidade do futuro ambiente profissional, permite seja visto na prática como é a realidade das escolas públicas. Para alguns é o momento de ratificar sua escolha e conhecer o sonhado ambiente da profissão escolhida, já para outros é um momento de choque, até mesmo o período refletir se realmente é essa carreira que pretende seguir, visto que logo de início já se observam diversos obstáculos como falta de materiais.

Adentra na sala de aula é observar que a realidade da educação brasileira, mesmo no século XXI, está muito arcaica e com muitos traços da educação do início da colonização, onde se tratava de uma educação tradicional, onde a classe baixa era subordinada a uma educação superfi-

cial e a classe alta era submetida a uma educação de qualidade. Ainda é nítida uma educação elitizada e focada nas tendências pedagógicas da direita, onde buscava-se apenas adequar o aluno a sociedade, o intuito baseava-se na aplicação de conteúdos, esses sendo desvinculados na realidade vivenciada pelos discentes.

O contato com a instituição pública leva o graduando a refletir que ser professor atualmente, principalmente em uma escola pública, é uma tarefa árdua, que requer muito esforço já que desde o início no momento em que esse profissional está em formação ele já depara-se com dificuldades como a falta de um laboratório, uma sala multimídia, recursos que o auxiliam a levar aos alunos uma aula diversificada e prazerosa. Além disso, depara-se com relato de diversos profissionais afirmando a falta de valorização da área. Mas ao mesmo tempo, cabe a esse estagiário e futuro professor criar estratégias, mesmo com poucos recursos, para tornar as aulas atrativas para os alunos. Visto que nesse momento ele começa a se preparar para situações adversas que enfrentará futuramente. No período em que o aluno de graduação, está atuando como estagiário ele aprende que sua atuação vai além de passar conteúdos, sua função também é formar cidadãos, ele começa a compreender que a educação é capaz de transformar vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTZIK, F., ZANDER, L. D. A Importância Das Aulas Práticas De Ciências No Ensino Fundamental. In: *Revista @rquivo Brasileiro de Educação*. v. 4, n. 8, p. 32-8, 2016.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. v. 1, n. 19, p. 20-8, 2002.

BRASIL. LDB. *Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 12 de junho de 2018.

BRASIL. *Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008*. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://www.cvm.gov.br/export/sites/cvm/menu/acesso_informacao/servidores/estagios/3-LEGISLACAO-DE-ESTAGIO.pdf> Acesso em: 13 de junho de 2018.

BRASIL. Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>> Acesso em: 13 de junho de 2018.

BRASIL. Parecer CNE/CES 1.301 - Portal do MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Ciências Biológicas. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1301.pdf>> Acesso em: 10 de junho de 2018

CASTRO, T. F., GOLDSCHMIDT, A. I. Aulas práticas em ciências: concepções de estagiários em licenciatura em biologia e a realidade durante os estágios. In: *Revista de Educação em Ciências e Matemática*. v. 13, p. 116-34, 2016.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GISI, M. L.; MARTINS, P. L. O.; ROMANOWSKI, J. P. *O estágio nos cursos de licenciatura*. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/1351/462>> Acesso em junho de 2018.

GUEDES, S. T. R. *A relação teoria e prática no estágio supervisionado*. Disponível em: < http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3582_2162.pdf> Acesso em junho de 2018.

LUCKESI, C. C. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

LUDKE, M. O lugar do estágio na formação de professores. In: *Revista Educação em perspectiva*. v. 4, n. 1, p. 111-33, 2013.

MILANESI, I. Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares. In: *Educar em Revista*. v. 28, n. 46, p. 209-27, 2012.

NICOLA, J. A.; PANIZ C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de ciências e biologia. In: *Rev. NEAD-Unesp*. v. 2, n. 1, p. 355-81, 2016.

PASSERINI, G. A. *O estágio supervisionado na formação inicial do professor de Matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

em *Matemática da UEL*. Disponível em: <<http://www.biblioteca.digital.uel.br/document/?code=vtls000126402>> Acesso em junho de 2018.

PETROVICH, A. C. I.; DE ARAÚJO, M. F. F.; MONTENEGRO, L. A.; ROCHA, A. C. P; PINTO, E. D. J. *Temas de difícil ensino e aprendizagem em ciências e biologia: experiências de professores em formação durante o período de regência*. Revista da SBEnBio. v. 7, p. 363- 373, 2014.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

REGINALDO, C. C.; SHEID, N. J.; GÜLLICH, R. I. C. *O ensino de ciências e a experimentação*. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/2782/286>> Acesso em junho de 2018.

SANTOS, G. S.; BARROS, G. R. O.; NUNES, M. A. A.; MARQUES, M. A. M. *Relato das experiências vivenciadas a partir do estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental*. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/cipar/article/viewFile/1898/1397>> Acesso em junho de 2018.

TACCA, M. C. V. R.; BRANCO, A. U. Processos de significação na relação professor-alunos: uma perspectiva sociocultural construtivista. In: *Estudos de Psicologia*. v. 13, n. 1, p. 39-48, 2008.